

Novas tecnologias de confissão: internet e a exibição do eu.¹

Caio Anawate Kuri Milito²

Carlos José Martins³

Julio Cesar Pedroso⁴

Universidade Estadual Paulista – Instituto de Biociências – Campus Rio Claro

Resumo

Neste trabalho pretendemos analisar os novos métodos de confissão na contemporaneidade, em especial nas novas ferramentas da internet, como os blogs e fotoblogs de caráter pessoal, assim como diversas redes sociais que se difundem amplamente nas sociedades modernas e capitalistas. Tratar-se-á de circunscrever tais métodos sobre o fundo de um panorama genealógico das tecnologias de confissão modernas e contemporâneas respaldadas pelos novos dispositivos techno-científicos. Produções de perfis, diários, fotos, vídeos, informações auto confessionais que formatam, por sua vez, descrições e catalogações dos indivíduos e de suas subjetividades. Tal modo de operação tenderia a funcionar, sobretudo, a partir do que Foucault denominou controle-estimulação em contraponto ao controle-repressão.

Palavras-chave

Tecnologias de confissão; Internet; Corpo; Controle-estimulação.

Abstract

In this work we intend to analyze the new methods of confession in contemporary times, especially in new Internet tools like personal blogs and photoblogs as well as various social networks that spread widely in modern capitalist societies. Treat will be limited to such methods on the bottom of a genealogical overview of the technologies of modern and contemporary confession supported by the new techno-scientific devices. The production of profiles, diaries, photos, videos, self-confessional information forms, in turn, descriptions and

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Jogos, Redes Sociais, Mobilidade e Estruturas Comunicacionais Urbanas”, do V Simpósio Nacional da ABCiber.

² Educador Físico pela Universidade Estadual Paulista, mestrando no programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista.

³ Doutor em Filosofia pela UFRJ; Estágio Doutoral Université de Paris XII (Paris-Val-de-Marne), U.P. XII, França; Professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP), onde é membro do Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

⁴ Engenheiro da computação pela Universidade de São Paulo, ingressante do mestrado no programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista. Atual coordenador do Ponto de Cultura Rio Claro Cidade Viva

cataloging of individuals and their subjectivity. This mode of operation would tend to work mainly from what Foucault called control-stimulation in contrast to the control-repression.

Key words

Confession Technologies; Internet; Body; Control-stimulation.

Introdução

O desenvolvimento histórico dos dispositivos de confissão exprime, antes de qualquer coisa, uma relação de forças entre variados poderes e os corpo e subjetividades. Não pretendemos identificar de onde emana este poder, tampouco encontrar quais seriam os responsáveis pelas diferentes destinações às quais servem uma série de registros e dados das pessoas, em diferentes meios, mesmo porque falamos de um poder que está acima de governos, do mercado, e seria uma grande pretensão buscar esclarecer questões desta natureza. Ao contrário, focaremos este estudo nas manifestações mais palpáveis deste fenômeno, em especial na internet, em instrumentos auto confessionais, como os blogs, fotoblogs, redes sociais, *webcams*, vídeos, entre outros.

Na contemporaneidade, imperam novas lógicas que tendem ao exibicionismo desenfreado e que incitam os indivíduos a exporem aos olhos alheios suas características pessoais, como descrições sobre a aparência física, informações sobre o gosto por determinado tipo de música, ou programas de TV preferidos, e também a inserção de fotos pessoais, de amigos e de familiares, vídeos dos momentos de intimidade. A grande exposição de características privadas, seja de pessoas famosas ou desconhecidas, informa tendências, modelos de subjetividades a serem consumidos, em formatos romantizados e muitas vezes mentirosos, já que a possibilidade do anonimato incentiva este tipo de prática.

Em seu livro *O show do eu*, Paula Sibilia avalia a edição da revista *Time* do ano de 2006, revista que tradicionalmente traz estampado em sua capa o rosto da personalidade do ano, e que nesta edição especificamente traz um espelho brilhante, aludindo à ideia de que o leitor seria a personalidade deste ano: “*Você! Sim, você. Ou melhor: não apenas você, mas também eu e todos nós*”. A autora, ao nos indagar sobre quais foram os motivos para esta escolha, afirma que “você, eu e todos nós” somos responsáveis por transformar a era da informação. Um dos argumentos dos editores da revista foi o grande aumento do conteúdo produzido por usuários da internet em blogs, compartilhamento de vídeos no site YouTube ou de informações pessoais em redes sociais, como o MySpace e o Orkut. Estes espaços

proporcionam um sentimento de protagonismo entre aqueles que até então não passavam de receptores passivos. A internet torna-se um terreno propício para a exibição de informações de grande alcance por parte de desconhecidos, “amadores”.

A autora busca formas de interpretarmos essas novas tendências, utilizando como hipótese o fato de poder haver um surto de megalomania consentida e estimulada. Sua interrogação se dá sobre as implicações deste “súbito resgate do pequeno e do ordinário, do cotidiano e das pessoas comuns”, sobre os significados desta exaltação da banalidade, desta “espécie de reconforto na constatação da mediocridade própria e alheia”. Procura-se esclarecer como estas novidades influem na criação de novos modos de ser, na construção de si, como afetam os processos através dos quais o indivíduo se torna o que é. Esta nova força histórica estimula a formatação de certos modelos ao mesmo tempo em que inibe outras modalidades.

Corpo e controle-estimulação na rede

O domínio sobre o próprio corpo só pôde ser alcançado, segundo Foucault, através dos efeitos de diferentes investimentos do corpo pelo poder:

“a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo do seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio” (FOUCAULT, 2009, p.146).

Buscando desvendar os pormenores dos investimentos do poder sobre o corpo, num processo de transição para a era pós-industrial, que modifica as sociedades disciplinares, Foucault busca no campo da sexualidade explicitar uma lógica sobre a qual nos apropriaremos, generalizando-a para nossa problemática. Segundo o filósofo francês, o corpo tornou-se objeto de disputa numa luta entre filhos e pais, entre as crianças e as instituições de controle:

“A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado” (FOUCAULT, 2009, p.147).

Este novo imperativo que oferece estímulos generaliza-se para demais áreas que não a sexualidade, afirmando sua lógica que incita à exibição da própria intimidade e também da intimidade alheia. A internet é por excelência um território que oferece ferramentas de criação e divulgação de conteúdos e que proporciona uma infinidade de possibilidades no que diz respeito ao mau uso de informações de caráter pessoal que são disponibilizadas na rede. Estas informações podem ser utilizadas sem que seu dono ao menos saiba, para pesquisas de mercado, para investigações de caráter comercial acerca de gostos, costumes, consumo, práticas de vida. Podem também ser utilizados dados de caráter pessoal disponibilizados na internet como referenciais para a elaboração de políticas de governo, e também para que se exerça um controle e vigilância em empresas particulares e em instituições públicas baseando-se nestas informações que se encontram ao alcance de todos.

Buscando melhor circunscrever os significados da subjetividade, a autora a encara como “modos de ser e estar no mundo”, que apresenta contornos elásticos e que se transforma acompanhado as tradições culturais. Portanto, não cabe à subjetividade uma suposta essência fixa e estável do ser humano, ela não é algo de imaterial que reside dentro dos indivíduos. A subjetividade necessariamente tem que estar encarnada em um corpo e “embebida em uma cultura intersubjetiva”. Paula Sibilia propõe a análise de três grandes dimensões ou perspectivas para investigação das experiências subjetivas: a primeira se refere ao nível singular e focaliza o indivíduo como sujeito único e irrepetível; esta tarefa é aqui atribuída à psicologia e ao campo das artes. A segunda é a dimensão universal da subjetividade que abrange características comuns aos seres humanos, como a “inscrição corporal” do sujeito e a sua organização através da linguagem; esta tarefa cabe à biologia e à linguística. A terceira se encontra em um nível intermediário, entre os opostos do singular e do universal, denominada *particular* ou *específica*, que busca detectar elementos que sejam comuns a alguns sujeitos, mas não inerentes a todos os seres humanos. Aqui são contemplados aspectos culturais da subjetividade. Esta terceira perspectiva é a mais adequada para alcançar o objetivo desta obra que é o de compreender os sentidos da tendência à exibição da intimidade.

As novas ferramentas de criação oferecidas pelo advento das tecnologias informáticas conformam um amplo espaço que vem propiciando aos indivíduos infinitas possibilidades para o desenvolvimento do fenômeno conhecido por *Web 2.0*, que confia a seus usuários uma posição de criadores e fomentadores de informações e ideias. Identifica-se aqui uma tendência à combinação entre “*faça você mesmo*” e “*mostre-se como for*” que ultrapassa as fronteiras da internet, tendo sua lógica expandida a outros meios de comunicação, como a televisão, o

cinema, livros, jornais e revistas, entre outros. A autora observa que certas formas de comunicação e expressão tradicionais voltam à tona com uma embalagem renovada: e-mails são versões atualizadas das cartas, o *Messenger* retoma a antiga arte da conversação, os *blogs* são o novo formato dos diários íntimos e os *fotoblogs* representam os antigos álbuns de retrato familiares.

No Brasil, o número de usuários da internet é da ordem de um terço da população, o que não significa muita coisa, já que em números proporcionais ao tamanho da população, fica distante se comparado países da Europa ou os Estados Unidos. Porém, o Brasil é o terceiro país “blogueiro” do mundo, com aproximadamente seis milhões de blogs ativos. Vale lembrar que os usuários da internet estão restritos às classes mais abastadas, representando uma pequena fração da população mundial, mas que mesmo assim exerce muita influência no panorama cultural global.

Paula Sibilía identifica um novo fenômeno, uma “fome de realidade” no que diz respeito ao consumo de vidas alheias, mas que ofereçam uma boa dose de realidade. Há uma tendência ao abandono do interesse deste público consumidor por relatos de vidas heroicas ou de sujeitos exemplares, e volta-se atualmente para relatos das vidas de pessoas “comuns”, fomenta-se uma nova curiosidade sobre o que tradicionalmente foi tratado como privado e que agora se impõe como uma intimidade que se deseja expor totalmente. Nesta linha de pensamento, se desfazem as antigas ideias do que era a intimidade e se deslocam os referenciais que conformam as noções de “público” e “privado”.

Seguindo o raciocínio sobre estas novas formas de expressão e comunicação, a autora busca interpretar as diferenças entre os textos contemporâneos da internet e os velhos textos autobiográficos, no que tange à frequência e ao tamanho dos textos, ou se há diferenças qualitativas entre estes dois universos distantes e irreconciliáveis. A interação com o leitor é um quesito fundamental neste novo território que é a *blogosfera*, onde cada texto é considerado um “nó de uma ampla rede hipermídia”. A condição de diário íntimo destas novas produções sofre algumas alterações, mostram-se abertamente aos olhos do mundo, enquanto os antigos diários eram preservados como segredos. (SIBILIA, 2008, p.59).

As técnicas de confissão têm seu surgimento identificado na era medieval, sobretudo no campo eclesiástico, com uma extensão aos domínios do campo jurídico científico. Sua lógica é então apropriada pela lógica médica e pelas ciências humanas no século XIX, e posteriormente pela psicanálise. Para Sibilía, esta tática hoje se aproveita de novas configurações eletrônicas, como a internet, televisão, e por consequência as peças

publicitárias nelas exibidas. “Assim, no século XXI, a confissão torna-se midiática”. (SIBILIA, 2008, p.108).

A exposição, objeto constitutivo da personalidade e da identidade de cada um, deve respeitar alguns requisitos. No ponto de vista da autora, as telas (do computador, televisão, celular, câmera digital ou qualquer outra mídia) têm por função expandir a área de visibilidade, fornecendo elementos para que haja a possibilidade de construir-se e de tornar o *eu* visível. Já não existem mais motivos para “mergulhar naquelas sondagens em busca dos sentidos abissais perdidos dentro de si mesmo”. Há uma necessidade cada vez mais constante de ser reconhecido nos olhos dos outros, de ser visto. “Cada vez mais é preciso *aparecer* para *ser*”. Torna-se um risco o fato de alguém não saber aquilo que continua fora do campo de visibilidade, e nesta lógica da sociedade do espetáculo e da “moral da visibilidade”, aquilo que não se vê pode ser que não exista.

Voltando à temática dos blogs, a autora fala sobre sua organização estrutural, que apresenta os relatos em uma ordem cronológica, ou seja, as últimas atualizações sempre aparecem no início da página, e as informações mais antigas vão ficando para baixo. Os blogs apresentam “retalhos de instantes colados um após o outro” que, porém não se articulam para construir um passado “à moda antiga”.

A nova atenção concedida ao conhecimento da intimidade alheia e as preocupações com a exibição de caráter confessional na internet vem aumentando na contemporaneidade, e constituem um fenômeno que demonstra grande amplitude, alcançando diversas formas de expressão e de comunicação. Um movimento de constante ficcionalização e estetização da vida cotidiana através de recursos midiáticos apresentam uma relação direta com o aumento da busca por experiências que sejam, pelo menos aparentemente, verdadeiras. Esta lógica, segundo Sibilía (2008, p.195) é absorvida pelo mercado, que encontra aí um campo de atuação: “tudo vende mais se for real, mesmo que se trate de versões dramatizadas de uma realidade qualquer”.

De maneira diferente ao século XIX, hoje a arte já não mais procura imitar a vida, e vice versa. Na contemporaneidade, os “canais midiáticos sem pretensões artísticas” e toda sua rede de comunicação estimam cada vez mais a utilização de imagens e/ou narrativas que coincidem com os imperativos do real, da “vida como ela é”. A autora identifica o auge das novas estéticas realistas que assediou o cinema, a literatura, a fotografia, as artes plásticas, a televisão e a internet em fins do século XX e começo do século XXI. Este real que se encontra

no auge, contudo já não é mais auto evidente, ou seja, há uma permanente contestação de seu formato, é um real volátil.

“Tudo indica que essa injeção de dramatismo e estilização midiática, que tomou conta do mundo ao longo do século XX, foi nutrindo uma vontade de acesso a uma experiência intensificada do real. Uma espécie de realidade incrementada cujo grau de eficácia é mensurado, paradoxalmente, com padrões midiáticos. Por isso, se o paradoxo do realismo clássico consistia em inventar ficções que parecessem realidades, lançando mão de todos os recursos de verossimilhança imagináveis, hoje assistimos a outra versão deste aparente contra-senso: uma ânsia por inventar realidades que pareçam ficções. Espetacularizar o *eu* consiste precisamente nisso: transformar nossas personalidades e vidas (já nem tão) privadas em realidades ficcionalizadas com recursos midiáticos” (SIBILIA, 2008, p.197).

Não há dúvidas que o desenvolvimento de certos dispositivos contribuiu para que grande parte das pessoas pudesse ter acesso à mídia, e que esta democratização é um fenômeno que provavelmente já está “mudando a face do mundo”. Porém, toda esta parafernália digital que possibilita a propagação de um vasto conteúdo nos meios digitais, tidos por Paula Sibilia como palcos da confissão virtual, é na verdade, em boa parte um grande gênero sem pretensões maiores, é *digital trash*, “pequenos espetáculos descartáveis”, “celebração da mais vulgar estupidez”. (SIBILIA, 2008, p. 271).

Psicanálise e confissões

Outras práticas profissionais também se desenvolveram nas sociedades e de certa maneira oferecem suporte e legitimação aos dispositivos tecnológicos de confissão da internet. A associação dos saberes médicos surgidos com o desenvolvimento da psiquiatria aos aparelhos estatais certamente exemplificam um poderoso mecanismo de poder responsável por extrair informações de caráter íntimo, subjetivo, a fim de propor formas de gerenciamento do corpo individual e social.

Na visão de Nikolas Rose, o *eu* ou a “personalidade” é um elemento de vital importância nas redes de poder que atravessam as sociedades modernas. O que ele chama de “aparato regulatório” do Estado moderno não é exatamente algo que vem do exterior e que é imposto sobre indivíduos, e sim incorporação, modelagem, canalização e reforço das subjetividades, que são características intrínsecas a estas operações de governo. No seu ponto

de vista, para governar uma sociedade nos dias de hoje tornou-se necessário governar as subjetividades, o que não foi alcançado através de um “Estado central”, onisciente e onipresente, cujos agentes instituíssem controle e vigilância perpétuos sobre seus sujeitos. Ao contrário, o governo das subjetividades tomou forma através da proliferação de um complexo e heterogêneo conjunto de tecnologias. Estas têm efetuado uma substituição, alinhando variadas ambições da política, ciência, filantropia e de autoridades profissionais, com os ideais e aspirações dos indivíduos e do *eu* que cada um de nós deseja ser.

Enquanto a psicoterapia pode parecer distante de questões referentes à política e ao poder, a espetacular expansão do domínio psicoterapêutico predomina desde o final da II Guerra Mundial esteve intimamente ligada a uma profunda mutação nas técnicas e racionalidades do governo. Em menos de meio século, segundo Nikolas Rose, o território da psique foi aberto para exploração, cultivo e regulação por diversos meios e ao longo de muitos canais.

A psicanálise, em seu formato face-a-face, cinquenta minutos ao dia, cinco dias na semana, quarenta e quatro semanas ao ano, por cinco anos ou mais, foi sendo largamente difundida na intelectualidade urbana burguesa. Mas, uma grande variedade de técnicas terapêuticas mais economicamente viáveis e menos intensivas, estão sendo construídas, e através delas os indivíduos podem procurar uma solução para suas angústias interiores: psicanálise, Gestalt, terapia comportamental, terapia racional-emotiva, terapia centrada na pessoa, entre muitas outras.

O corpo, nesta linha de pensamento, se torna simultaneamente o objeto de diagnóstico e o intermediário clínico de uma gama de novas terapias holísticas, um meio de acesso e transformação, repressão e fragmentação do *eu* nos tempos modernos. E um movimento de “crescimento” e de “potencial humano” tem tomado forma, cujas práticas – a bioenergética, meditação transcendental, entre outros – não prometem muito alívio para os angustiados, como uma transcendência do mundano para aqueles que estão frustrados com sua própria normalidade. Os discursos e mecanismos da psicoterapia não são dirigidos apenas para aqueles incapazes de conduzir uma vida, mas sim a sua própria vida.

Os discursos terapêuticos estão se desenvolvendo crescentemente em toda prática direcionada aos problemas humanos. Seja no consultório do médico generalista, nos cuidados da enfermeira para um paciente comum, no estudo do professor ou no escritório do gerente de recursos humanos, as técnicas da psicoterapia têm encontrado uma recepção, e a pessoa, o *eu* como um ser, experimentando, sentindo-se sujeito, tem se tornado foco. Sem contar sua

tendência para receitar drogas, as técnicas psicoterapêuticas são aplicadas em hospitais psiquiátricos, em grandes e pequenos grupos, entre paciente e enfermeira, em sessões com psicólogos clínicos e até mesmo na prática de alguns psiquiatras. Procedimentos psicoterapêuticos são adaptados, buscando caminhos pelos quais os pacientes possam ser gerenciados a partir de suas dependências e desajustes para a autonomia e responsabilidade. Assistentes sociais, conselheiros matrimoniais, “conselheiros de perda”, e muito outros profissionais “teceram uma teia complexa, em um plano nem público nem privado, nos quais os códigos, convenções e habilidades psicoterapêuticas são direcionados a todos os problemas da vida”. A linguagem e os conselhos psicoterapêuticos estendem-se além da consulta, da entrevista, da nomeação, e tornam-se parte dos meios de comunicação em massa, das revistas de conselhos e de documentários e discussões na televisão, da internet.

Considerações finais

São oferecidas ao corpo diariamente informações que incitam determinados modelos de gostos e comportamentos, informações que acima de tudo mediam relações de poder, tentativas de colonização, e conseqüentemente linhas de fuga, que se adequam ao funcionamento de correntes filosóficas e instituições hegemônicas que atuam sobre os processos de construção das subjetividades. Novas tecnologias gerenciam o sujeito moderno, baseadas em uma lógica que, por um lado, tem à sua disposição as maravilhas do mundo digital, que proporcionam a exibição sem limites, e que por outro lado patologiza determinadas subjetividades, intervindo sob o formato de cura terapêutica, muitas vezes com a indicação indiscriminada de drogas, sobre características possivelmente no futuro serão responsáveis por acontecimentos negativos e indesejáveis.

Desenvolve-se o *behavioral targeting*, ou seja, o envio de publicidade a determinado público em função do seu comportamento como consumidor, que é cada vez mais exposto voluntariamente em comunidade sociais como MySpace ou FaceBook, e que fornecem aos possíveis anunciantes cada vez mais subsídios (informações de caráter pessoal) aos instrumentos do marketing e da publicidade de companhias que oferecem produtos e serviços na rede.

Tornam-se cada vez mais sofisticados os mecanismos de assimilação de informações voluntariamente expostas nas redes sociais, sites de relacionamento e blogs. É como se toda a vida do indivíduo pudesse ser registrada e rastreada nos locais por onde este se conectou, seja por meio do acesso a um ponto de internet, um celular com acesso à rede, uma compra realizada com cartão de crédito, determinado assunto pesquisado no Google. Paradoxalmente, a internet é valorizada por instituições mercadológicas como instrumento para incitar comportamentos exibicionistas, e ao mesmo tempo oferece diferentes modelos de seres humanos que enganosamente assumem posturas individualistas e segmentárias em nome de uma falsa liberdade de escolha.

Referências bibliográficas

- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- MARTINS, C. J. *Foucault: Sexo e Verdade - O confronto político em torno da vida* In: *Mente, Cérebro e Filosofia: Foucault/Deleuze - A Dissolução do Sujeito*. 1ª ed. São Paulo: Duetto Editorial, 2007, v.06, p. 36-43.
- ROSE, N. *Governing the soul: the shape of the private self*. Second Edition. London: Free Association Book, 1999.
- SIBILIA, P. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.